

Reflexão da Competência 02

Cosmovisão e Consciência Pós-moderna

1. Cosmovisão: conceito, função e caráter formativo

O conceito de cosmovisão refere-se ao conjunto relativamente coerente — ainda que muitas vezes implícito — de pressupostos ontológicos, epistemológicos, axiológicos e narrativos por meio dos quais indivíduos e comunidades interpretam a realidade e orientam suas práticas. A cosmovisão opera como uma estrutura profunda de sentido, moldando não apenas crenças explícitas, mas também disposições afetivas, critérios morais, prioridades existenciais e padrões de ação. Nesse sentido, ela funciona como uma verdadeira *lente interpretativa*, influenciando a compreensão do mundo, do ser humano, do conhecimento, da moralidade e do propósito da existência.

Uma das definições mais clássicas e amplamente utilizadas na literatura contemporânea é apresentada por James W. Sire, que concebe cosmovisão como:

“Uma cosmovisão é um compromisso, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma história ou como um conjunto de pressupostos (assunções que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas), os quais sustentamos de forma consciente ou inconsciente acerca da constituição básica da realidade, e que fornecem o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos” (Sire, 2015, p. 20).

Essa definição é particularmente significativa por enfatizar que a cosmovisão não se limita a um sistema intelectual formal, mas envolve um compromisso existencial profundo (“orientação do coração”). Ao destacar que tais pressupostos podem ser mantidos de forma consciente ou inconsciente,

Sire evidencia o caráter pré-reflexivo e formativo da cosmovisão, que antecede e molda decisões, julgamentos e comportamentos cotidianos.

Nesse sentido, a cosmovisão não é opcional nem restrita a especialistas; ela é inevitável e universal. Como afirma o próprio Sire, todos operam a partir de uma cosmovisão, mesmo quando não são capazes de articulá-la conceitualmente. Assim, a cosmovisão exerce uma função normativa silenciosa, orientando expectativas, interpretações da realidade e critérios de valor.

Avançando nessa compreensão, Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen aprofundam o conceito ao enfatizar o caráter narrativo das cosmovisões. Para os autores, visões de mundo não são primariamente conjuntos abstratos de ideias, mas histórias abrangentes que estruturam o sentido da existência. Eles afirmam:

“As cosmovisões são as histórias pelas quais vivemos. Elas fornecem a narrativa abrangente que dá sentido à nossa vida, moldando nossa identidade, nosso senso de propósito e nossa compreensão do que está errado no mundo e de como ele pode ser restaurado” (Bartholomew & Goheen, 2014, p. 25).

Essa perspectiva narrativa amplia significativamente a compreensão do caráter formativo da cosmovisão. Ao organizar a realidade em forma de história, a cosmovisão oferece categorias para interpretar origem, identidade, vocação, sofrimento, mal, esperança e futuro. Assim, ela não apenas explica o mundo, mas forma o sujeito que age nele, moldando sua percepção de si mesmo e de seu lugar na história.

Do ponto de vista educacional, ético e vocacional, essa função narrativa é decisiva. Bartholomew e Goheen (2014) argumentam que cosmovisões moldam práticas antes mesmo de serem tematizadas

teoricamente, influenciando escolhas profissionais, compromissos morais e engajamentos missionais. Em contextos religiosos, essa dimensão torna-se ainda mais evidente, pois a cosmovisão estrutura a compreensão de chamado, missão e responsabilidade diante de Deus e da comunidade.

Além disso, a literatura destaca que a cosmovisão possui um caráter integrador, conectando razão, emoção, imaginação e prática. Ela fornece coerência interna à experiência humana, especialmente em contextos culturais marcados por pluralismo, relativismo e fragmentação. Quando fragilizada ou ausente, tende a emergir uma experiência de desorientação existencial, na qual decisões tornam-se inconsistentes e valores perdem estabilidade.

Dessa forma, pode-se afirmar que a cosmovisão exerce funções epistemológicas (como conhecemos a realidade), axiológicas (o que valorizamos), éticas (como devemos agir) e teleológicas (para onde caminhamos). Essas funções evidenciam que a cosmovisão constitui um eixo estruturante do desenvolvimento humano integral, sendo decisiva para processos de formação, liderança e desenvolvimento vocacional.

Em síntese, a cosmovisão não representa um elemento periférico ou meramente teórico no debate acadêmico contemporâneo, mas um fundamento formativo central, a partir do qual identidades são construídas, práticas são orientadas e compromissos são sustentados. Em contextos marcados pela consciência pós-moderna, essa compreensão torna-se ainda mais relevante, pois revela como indivíduos e comunidades buscam coerência e sentido em meio à fragmentação cultural.

2. Consciência pós-moderna: gênese e características centrais

A chamada consciência pós-moderna emerge no cenário intelectual do final do século XX como uma reação crítica aos fundamentos epistemológicos, antropológicos e éticos da modernidade. Tal reação dirige-se, sobretudo, à confiança moderna na razão autônoma, no progresso linear, na neutralidade da ciência e na capacidade de grandes sistemas explicativos — os chamados metarrelatos — de oferecer sentido universal à história, ao conhecimento e à moralidade.

Um marco fundacional dessa virada crítica é a obra de Jean-François Lyotard, que define a condição pós-moderna como:

“Simplificando ao extremo, considero pós-moderna a incredulidade em relação aos metarrelatos” (Lyotard, 1984/2010, p. 7, tradução nossa).

Com essa afirmação, Lyotard aponta para o colapso das grandes narrativas legitimadoras — como o progresso iluminista, a emancipação racional ou a redenção histórica — que sustentaram a modernidade. Na consciência pós-moderna, tais narrativas passam a ser vistas com suspeita, por serem percebidas como instrumentos de poder, exclusão ou dominação simbólica. Em seu lugar, emergem micro-narrativas locais, provisórias e plurais, centradas na experiência subjetiva e nos contextos específicos.

Essa mudança produz uma profunda fragmentação epistemológica, na qual o conhecimento deixa de ser compreendido como universal e cumulativo, passando a ser visto como situado, contingente e dependente de jogos de linguagem. Como afirma Lyotard:

“O saber pós-moderno refina nossa sensibilidade para as diferenças e reforça nossa capacidade de suportar o incomensurável” (Lyotard, 1984/2010, p. 25).

Essa valorização da diferença e da pluralidade, embora tenha potencial emancipatório, também gera efeitos ambíguos, especialmente no que diz respeito à verdade, à ética e à identidade.

A análise sociológica dessa condição é aprofundada por Zygmunt Bauman, que descreve a pós-modernidade — ou, em sua formulação posterior, a modernidade líquida — como um contexto marcado por fluidez, instabilidade e precariedade dos vínculos humanos. Bauman afirma:

“Os padrões e configurações já não são ‘dados’, nem ‘auto-evidentes’; eles são muitos, chocam-se entre si e mudam com demasiada rapidez para se consolidarem como hábitos” (Bauman, 2013, p. 7).

Nesse cenário, a identidade deixa de ser compreendida como algo recebido ou construído a partir de referenciais estáveis, tornando-se um projeto permanente de escolha e reinvenção. O indivíduo pós-moderno é continuamente convocado a decidir quem é, no que acredita e como deve viver, sem dispor de estruturas sólidas que sustentem tais escolhas. Bauman observa que:

“A tarefa de construir a identidade foi privatizada e individualizada, tornando-se fonte constante de ansiedade e insegurança” (Bauman, 2013, p. 29).

Essa fluidez identitária repercute diretamente na esfera moral, produzindo o que o autor descreve como instabilidade ética, na qual compromissos duradouros são substituídos por decisões momentâneas, frequentemente orientadas por conveniência, emoção ou utilidade imediata.

De forma complementar, Charles Taylor oferece uma análise filosófica profunda da consciência contemporânea ao introduzir o conceito de

imaginário social secular. Em sua obra *A Secular Age*, Taylor argumenta que a principal transformação da modernidade tardia não consiste simplesmente no declínio da religião, mas na mudança das condições de crença. Ele afirma:

“A secularidade moderna não significa que as pessoas não acreditam mais em Deus, mas que a fé passou a ser apenas uma opção entre outras, e não mais a condição padrão da existência” (Taylor, 2007, p. 3).

Nesse novo imaginário, a transcendência deixa de estruturar a compreensão coletiva da realidade e passa a ocupar um lugar opcional, privado e frequentemente marginal. O sentido da vida é deslocado para o campo da autenticidade individual, da autorrealização e da construção subjetiva de significado. Taylor descreve esse fenômeno como a emergência de um “humanismo exclusivo”, no qual:

“O florescimento humano é compreendido e buscado inteiramente dentro de um horizonte imanente, sem referência necessária a qualquer realidade transcendente” (Taylor, 2007, p. 18).

Essa configuração reforça a centralidade do sujeito e da experiência pessoal, mas também contribui para a erosão de referenciais compartilhados de verdade, bem e propósito, intensificando a fragmentação cultural e existencial.

Dessa forma, a consciência pós-moderna pode ser caracterizada por quatro traços centrais:

- (1) desconfiança em relação às grandes narrativas explicativas;
- (2) pluralização e relativização da verdade;
- (3) fluidez identitária e instabilidade moral;
- (4) deslocamento do sentido para a esfera da escolha individual.

Esses elementos ajudam a explicar tanto o potencial crítico da pós-modernidade quanto suas tensões internas. Ao mesmo tempo em que ela denuncia pretensões totalizantes e valoriza a diversidade, também gera crises de sentido, pertencimento e orientação ética, especialmente em contextos formativos, vocacionais e religiosos.

Em síntese, a consciência pós-moderna redefine profundamente a maneira como indivíduos e comunidades compreendem verdade, identidade e propósito. Essa redefinição torna a reflexão sobre cosmovisão ainda mais relevante, pois evidencia que, mesmo em um contexto de fragmentação e pluralismo, a busca humana por sentido, coerência e orientação permanece ativa — ainda que frequentemente desarticulada e implícita.

3. A relação entre cosmovisão e consciência pós-moderna

A relação entre cosmovisão e consciência pós-moderna é marcada por uma tensão estrutural que, longe de ser apenas antagônica, revela também possibilidades de diálogo crítico e reconstrução de sentido. Se, por um lado, a pós-modernidade se caracteriza pela desconfiança em relação às cosmovisões totalizantes — sobretudo aquelas associadas aos metarrelatos modernos de progresso, razão autônoma e universalismo moral —, por outro, ela não elimina a necessidade humana de sentido, pertencimento e orientação existencial. O que ocorre, antes, é um deslocamento dessa necessidade para formas fragmentadas, provisórias e pluralizadas de construção de significado.

A crítica pós-moderna às cosmovisões totalizantes encontra sua formulação clássica em Jean-François Lyotard, para quem a incredulidade em

relação aos metarrelatos não significa a extinção das narrativas, mas a recusa de sua pretensão universalizante. Como o autor afirma:

“O grande relato perdeu sua credibilidade, seja qual for o modo de unificação que lhe é atribuído” (Lyotard, 1984/2010, p. 37).

Nesse contexto, as cosmovisões deixam de ser compreendidas como estruturas abrangentes e normativas e passam a ser substituídas por micro-narrativas, ancoradas na experiência individual, em contextos locais e em identidades fluídas. No entanto, essa fragmentação não resulta em neutralidade axiológica ou ausência de pressupostos últimos. Pelo contrário, ela produz cosmovisões implícitas, muitas vezes não tematizadas, que orientam práticas, desejos e escolhas sem serem submetidas a reflexão crítica sistemática.

A análise sociológica de Zygmunt Bauman evidencia os efeitos existenciais dessa condição. Ao descrever a liberdade pós-moderna como desvinculada de compromissos duradouros, Bauman observa que a emancipação dos referenciais tradicionais não conduz necessariamente à autonomia plena, mas frequentemente à ansiedade e insegurança identitária. Segundo o autor:

“A liberdade de escolher, quando desacompanhada de orientações estáveis, transforma-se em fardo; o indivíduo é condenado a buscar sozinho soluções biográficas para contradições sistêmicas” (Bauman, 2013, p. 33).

Essa observação é crucial para compreender a relação entre cosmovisão e consciência pós-moderna. A rejeição de cosmovisões integradoras não elimina a necessidade de orientação, mas transfere para o indivíduo a responsabilidade exclusiva de construir sentido, sem o apoio de

narrativas compartilhadas e estáveis. O resultado é uma experiência existencial marcada por fragilidade ética, volatilidade de compromissos e dificuldade de sustentar projetos de longo prazo.

Do ponto de vista filosófico, Charles Taylor aprofunda essa análise ao mostrar que a consciência pós-moderna opera dentro de um horizonte imanente, no qual o sentido é buscado prioritariamente na autorrealização e na autenticidade subjetiva. Taylor afirma que:

“Vivemos em um mundo no qual é possível viver plenamente dentro de um horizonte exclusivamente imanente, sem referência necessária ao transcendente” (Taylor, 2007, p. 543).

Nesse horizonte, as cosmovisões deixam de ser herdadas ou recebidas e passam a ser construídas seletivamente, a partir de preferências individuais, experiências emocionais e narrativas de consumo simbólico. Contudo, Taylor alerta que essa condição não suprime a busca por plenitude; ela apenas a torna mais instável e vulnerável, pois carece de referenciais compartilhados de bem, verdade e propósito.

A literatura contemporânea sugere, portanto, que a consciência pós-moderna não é isenta de cosmovisão, mas opera a partir de cosmovisões fragmentadas, híbridas e frequentemente contraditórias. A crítica pós-moderna aos metarrelatos não elimina narrativas abrangentes; ela favorece a proliferação de narrativas concorrentes, muitas vezes desarticuladas entre si. Como observa Bauman:

“O problema não é a ausência de valores, mas o excesso deles, sem uma hierarquia clara que permita orientar escolhas” (Bauman, 2013, p. 57).

Nesse cenário, a cosmovisão assume um papel paradoxal. Ao mesmo tempo em que é suspeita por sua pretensão totalizante, ela se torna ainda mais necessária como categoria analítica e formativa, capaz de revelar os pressupostos implícitos que orientam a vida individual e coletiva. A ausência de cosmovisões integradoras não conduz à neutralidade, mas à colonização do sentido por narrativas fragmentárias, frequentemente moldadas por interesses econômicos, lógicas de consumo e dinâmicas de poder simbólico.

Dessa forma, a relação entre cosmovisão e consciência pós-moderna pode ser compreendida como um campo de tensão produtiva. A pós-modernidade desafia cosmovisões a abandonarem pretensões hegemônicas e autoritárias, exigindo delas abertura ao diálogo, humildade epistemológica e sensibilidade ao contexto. Por outro lado, a própria crise de sentido pós-moderna evidencia a necessidade de cosmovisões capazes de integrar identidade, ética e propósito, sem negar a pluralidade, mas oferecendo coerência existencial.

Em síntese, a literatura indica que a consciência pós-moderna não elimina a cosmovisão, mas a desloca do campo explícito para o implícito, tornando ainda mais urgente sua tematização crítica. Nesse contexto, a reflexão sobre cosmovisão emerge como instrumento essencial para compreender as dinâmicas contemporâneas de identidade, pertencimento e orientação moral, preparando o terreno para propostas formativas que respondam à fragmentação cultural sem recorrer ao reducionismo ou ao relativismo absoluto.

4. Cosmovisão cristã como resposta integradora à fragmentação pós-moderna

No contexto da consciência pós-moderna — marcada por fragmentação epistemológica, pluralismo moral e crise de sentido — diversos autores sustentam que cosmovisões narrativas, éticas e integradoras oferecem respostas mais consistentes às demandas existenciais contemporâneas do que abordagens meramente técnicas ou relativistas. Nesse cenário, a cosmovisão cristã tem sido apresentada não como um retorno acrítico a metarrelatos modernos, mas como uma proposta narrativa alternativa, capaz de dialogar criticamente com a pluralidade cultural sem renunciar à verdade, à ética e à transcendência.

Um dos pensadores mais influentes nessa discussão é Lesslie Newbigin, que argumenta que o evangelho cristão deve ser compreendido como uma cosmovisão pública, e não reduzido a uma experiência privada ou a um conjunto de crenças subjetivas. Para Newbigin, a privatização da fé — típica da modernidade tardia e da pós-modernidade — empobrece tanto a teologia quanto o debate público. Ele afirma:

“O evangelho não é uma verdade religiosa privada para indivíduos piedosos, mas a verdade pública sobre a qual o mundo inteiro deve ser compreendido” (Newbigin, 2013, p. 10).

Essa afirmação é central para a relação entre cosmovisão cristã e pós-modernidade, pois desafia a dicotomia moderna entre fatos públicos e valores privados. Ao insistir no caráter público do evangelho, Newbigin propõe uma cosmovisão que dialoga com o pluralismo sem se impor de maneira autoritária, reconhecendo a legitimidade do debate cultural, mas recusando a

marginalização da fé ao âmbito do subjetivo. Para o autor, a cosmovisão cristã oferece uma narrativa capaz de interpretar a totalidade da experiência humana, incluindo ciência, ética, política e cultura.

Essa compreensão é aprofundada por Craig G. Bartholomew e Michael W. Goheen, que descrevem a cosmovisão bíblica como um grande drama redentivo, estruturado narrativamente em torno de quatro movimentos fundamentais: criação, queda, redenção e restauração. Segundo os autores:

“A Escritura apresenta uma narrativa abrangente que fornece uma estrutura coerente para compreender a realidade, integrando a origem do mundo, a condição humana, o problema do mal e a esperança de renovação de todas as coisas” (Bartholomew & Goheen, 2014, p. 29).

Essa estrutura narrativa distingue a cosmovisão cristã tanto dos metarrelatos modernos quanto das micro-narrativas pós-modernas. Diferentemente do otimismo moderno centrado no progresso técnico ou científico, a narrativa bíblica reconhece a profundidade do mal, da ruptura e do sofrimento. Ao mesmo tempo, diferentemente do ceticismo pós-moderno, ela sustenta uma esperança escatológica que confere sentido ao presente sem negá-lo ou absolutizá-lo.

Bartholomew e Goheen argumentam ainda que essa narrativa possui um caráter profundamente formativo e missional, pois molda identidade, ética e propósito:

“Viver dentro da narrativa bíblica significa ter a imaginação moldada por ela, de modo que nossas práticas, valores e vocações sejam orientados pela história que Deus está contando com o mundo” (Bartholomew & Goheen, 2014, p. 34).

Nesse sentido, a cosmovisão cristã não se limita a oferecer respostas conceituais à fragmentação pós-moderna, mas propõe uma forma alternativa de habitar o mundo, na qual fé, ética e missão estão integradas.

De modo complementar, Alister E. McGrath argumenta que a cosmovisão cristã possui particular ressonância no contexto pós-moderno justamente por reconhecer os limites da razão e valorizar dimensões como imaginação, experiência e desejo, sem abdicar da verdade como categoria significativa. McGrath afirma:

“A fé cristã não rejeita a razão, mas reconhece seus limites e a integra com a imaginação, a experiência e a prática moral, oferecendo uma visão de mundo intelectualmente responsável e existencialmente satisfatória”

(McGrath, 2017, p. 52).

Essa abordagem evita tanto o racionalismo moderno quanto o relativismo pós-moderno. Ao reconhecer a legitimidade da experiência sem absolutizá-la, a cosmovisão cristã oferece um equilíbrio epistemológico que dialoga com a sensibilidade pós-moderna, ao mesmo tempo em que resiste à dissolução da verdade em mera preferência subjetiva. McGrath acrescenta que:

“Em um mundo cético em relação às grandes explicações, a fé cristã comunica sua verdade não apenas por argumentos, mas por meio de uma visão de mundo que faz sentido da vida como um todo” (McGrath, 2017, p. 61).

À luz dessas contribuições, pode-se afirmar que a cosmovisão cristã emerge como uma resposta integradora à fragmentação pós-moderna, não por negar a pluralidade ou impor uniformidade cultural, mas por oferecer uma

narrativa coerente capaz de sustentar identidade, ética e esperança. Ela responde à crise de sentido contemporânea ao integrar transcendência e imanência, razão e imaginação, verdade e amor, evitando tanto o dogmatismo quanto o relativismo.

Em síntese, a literatura indica que, em um contexto marcado pela dispersão de sentidos e pela fragilidade de referenciais comuns, a cosmovisão cristã apresenta-se como uma alternativa formativa robusta, capaz de dialogar criticamente com a consciência pós-moderna e de oferecer fundamentos para liderança, formação e desenvolvimento vocacional orientados por propósito, responsabilidade ética e esperança escatológica.

5. Implicações para formação, liderança e desenvolvimento vocacional

No campo da formação humana, a integração entre cosmovisão e consciência pós-moderna evidencia que processos educativos não são neutros, mas sempre orientados por pressupostos ontológicos, epistemológicos e axiológicos que moldam identidades, valores e práticas. Em contextos marcados pela fragmentação pós-moderna, a educação tende a privilegiar competências instrumentais e resultados mensuráveis, frequentemente dissociados de questões de sentido, identidade e propósito. Tal dissociação aprofunda a crise formativa contemporânea ao separar conhecimento técnico de compromisso ético e vocacional.

Nesse sentido, Parker J. Palmer oferece uma crítica incisiva ao modelo educacional dominante, ao afirmar que a crise da educação contemporânea está enraizada na fragmentação do sujeito. Para o autor:

“A crise da educação é, em sua essência, uma crise espiritual e relacional, pois separamos o que sabemos de quem somos e de por que fazemos o que fazemos” (Palmer, 2017, p. 14).

Essa afirmação revela que a formação, quando desvinculada de uma cosmovisão integradora, tende a produzir indivíduos funcionalmente competentes, porém existencialmente desorientados. A consciência pós-moderna, ao relativizar narrativas abrangentes, intensifica essa fragmentação ao deslocar o sentido da formação para escolhas individuais imediatas, enfraquecendo referenciais compartilhados de verdade e bem.

Palmer argumenta ainda que a educação autêntica deve integrar conhecimento, identidade e vocação, compreendendo a aprendizagem como um processo que envolve o ser humano em sua totalidade. Ele afirma:

“Ensinar e aprender não dizem respeito apenas à transmissão de informações, mas à formação de pessoas capazes de viver de maneira íntegra, conectando seu trabalho, suas crenças e seu chamado” (Palmer, 2017, p. 22).

Essa perspectiva dialoga diretamente com a noção de cosmovisão como eixo formativo, pois reconhece que toda prática educativa comunica, explícita ou implicitamente, uma visão de mundo.

No âmbito da liderança, as implicações dessa integração tornam-se ainda mais evidentes. Em contextos organizacionais, comunitários e religiosos, a ausência de uma cosmovisão integrada tende a gerar líderes tecnicamente competentes, mas eticamente frágeis e emocionalmente instáveis, incapazes de sustentar decisões coerentes em cenários de pressão, ambiguidade e conflito. A consciência pós-moderna, ao enfatizar a fluidez identitária e a autonomia individual, frequentemente dificulta a construção de

compromissos duradouros e de uma ética orientada por valores transcendentais.

Por outro lado, cosmovisões consistentes oferecem fundamentos para liderança sustentável, pois fornecem critérios estáveis de discernimento moral, sentido de responsabilidade coletiva e horizonte de propósito que transcende interesses imediatos. Nesse sentido, a cosmovisão atua como um marco interpretativo que orienta não apenas o que o líder faz, mas quem o líder se torna ao longo de sua trajetória.

Em contextos religiosos e vocacionais, essa dinâmica assume uma dimensão ainda mais profunda. A liderança vocacional envolve não apenas desempenho funcional, mas fidelidade ao chamado, coerência ética e maturidade emocional. A ausência de uma cosmovisão integradora tende a produzir o que a literatura descreve como ativismo desprovido de enraizamento, no qual o fazer ministerial se desconecta do ser, favorecendo desgaste emocional, perda de sentido e crises vocacionais.

A cosmovisão, nesse cenário, atua como um eixo integrador do desenvolvimento vocacional, organizando valores, emoções, decisões e práticas em torno de uma narrativa de sentido. Ela oferece categorias para interpretar sofrimento, fracasso, espera e esperança, permitindo que o indivíduo sustente sua vocação mesmo em contextos adversos. Como observado por Palmer:

“A vocação não é apenas o que fazemos para viver, mas a expressão mais profunda de quem somos chamados a ser no mundo” (Palmer, 2017, p. 35).

Ao mesmo tempo, a consciência pós-moderna exerce um papel crítico e desafiador sobre as cosmovisões, exigindo que elas se expressem de forma dialogal, humilde e encarnada. Cosmovisões que ignoram a pluralidade cultural ou recorrem ao autoritarismo epistemológico tendem a perder relevância formativa. Assim, a tensão entre cosmovisão e pós-modernidade pode ser compreendida como produtiva, na medida em que desafia propostas formativas a integrarem convicção e abertura, verdade e escuta, identidade e hospitalidade.

Dessa forma, a integração entre cosmovisão e consciência pós-moderna oferece um quadro teórico robusto para repensar formação, liderança e desenvolvimento vocacional em chave integral. Ela aponta para modelos formativos que não se limitam à capacitação técnica, mas priorizam a formação do caráter, da maturidade ética e da identidade vocacional. Em última instância, tais modelos buscam formar pessoas capazes de habitar a complexidade contemporânea com coerência, responsabilidade e esperança, articulando fé, razão, emoção e prática em uma visão de mundo integrada e vivida.

Integração da trajetória pessoal e ministerial: Cosmovisão e Consciência Pós-Moderna na Minha Trajetória de Vida e no Doutorado

A construção da minha cosmovisão não ocorreu de forma repentina, nem se restringiu a um único ambiente. Ela foi sendo formada ao longo da vida pela convivência em múltiplos contextos — família, igreja, estudo, trabalho e missão — que ampliaram minha sensibilidade cultural e me ensinaram a ler pessoas e realidades com mais profundidade. Essa vivência

plural confirmou, na prática, que não existe neutralidade: todos interpretamos o mundo a partir de pressupostos, valores e narrativas que organizam nosso pensamento, nossas escolhas e nosso modo de servir. Por isso, amadurecer a cosmovisão não é apenas ganhar informação; é refinar as lentes com as quais discernimos o que é verdadeiro, bom e relevante — especialmente em um tempo marcado por pluralismo, relativização de valores, múltiplas identidades e disputas de sentido.

Nesse processo, aprendi que a liderança, em contextos reais, não pode ser exercida como “modelo importado” nem como imposição de uma única leitura de mundo. Ao contrário, ela exige consciência cultural, humildade intelectual e capacidade de ouvir antes de reagir. Em ambientes de fé, esse discernimento se torna ainda mais decisivo: servir pessoas implica compreender suas linguagens, dores, aspirações e pressupostos — e, ao mesmo tempo, manter firmeza identitária e fidelidade à missão. Assim, a cosmovisão bíblica não funciona como uma “bolha” isolante, mas como uma estrutura integradora que orienta o modo de interpretar o mundo, lidar com a complexidade humana e responder à pós-modernidade com clareza, compaixão e convicção.

Durante o doutorado, essa competência deixou de ser apenas um repertório acumulado pela experiência e passou a ser alvo de investimento deliberado. De modo especial, duas leituras tiveram impacto direto na ampliação da minha visão de mundo e na maneira como compreendo liderança: *Liderança Autêntica*, de Bill George, e *Compreendendo as Organizações... Finalmente!*, de Henry Mintzberg. Esses livros funcionaram como “chaves hermenêuticas” — não apenas para entender liderança e

organizações, mas para reposicionar minha própria atuação pastoral e institucional dentro de uma lógica mais consciente, contextual e coerente com valores.

A leitura de Bill George aprofundou em mim uma convicção decisiva: liderança verdadeira não nasce de técnicas, mas de identidade. Isso ampliou minha cosmovisão ao deslocar o centro da liderança de desempenho para caráter, e de imagem para integridade. Em um mundo que frequentemente premia performance, aceleração e resultados imediatos, a proposta da liderança autêntica me levou a reafirmar uma visão mais cristã e mais humana: liderar é responder a um chamado, não construir um personagem; é ser fiel antes de ser eficaz; é sustentar valores mesmo quando isso custa. Essa perspectiva reorganizou minha compreensão de poder, propósito e missão. Eu passei a enxergar com mais clareza que a crise — tão comum em tempos líquidos e imprevisíveis — não cria caráter, mas revela o que realmente governa o interior do líder. Por isso, o fortalecimento interior, a autodisciplina e a coerência ética deixaram de ser apenas virtudes desejáveis e se tornaram fundamentos para uma liderança que atravessa a pós-modernidade sem se diluir.

Já Mintzberg provocou em mim um segundo deslocamento, igualmente formativo: o modo como vejo organizações. Sua abordagem me ajudou a abandonar leituras simplificadas — organizações como máquinas, estruturas como “a solução”, organogramas como retrato da realidade — e a assumir uma cosmovisão mais orgânica, relacional e sistêmica. Esse livro ampliou minha visão de liderança ao mostrar que não existe “uma forma certa” de organizar ou liderar, porque organizações são sistemas vivos,

moldados por missão, cultura, forças internas e contextos específicos. Essa percepção conversa diretamente com a teologia prática do ministério: a igreja não é uma empresa religiosa, mas um corpo vivo; não é apenas estrutura, mas comunhão; não é apenas eficiência, mas fidelidade; não é apenas controle, mas significado. Assim, aprendi a discernir com mais maturidade quando o desafio é estrutural, quando é cultural, quando é relacional — e quando é espiritual. Isso elevou minha capacidade de ler o “ambiente invisível” que sustenta (ou sabota) a missão: cultura, vínculos, confiança, conflitos e narrativas compartilhadas.

Essas duas leituras, em conjunto, produziram um efeito integrador na minha cosmovisão e na minha prática de liderança: Bill George reforçou o “dentro” (identidade, propósito, valores, coerência), e Mintzberg ampliou o “fora” (complexidade organizacional, forças culturais, contextos diversos, limites dos modelos universais). Como resultado, minha visão de liderança se tornou mais completa: o líder precisa ser íntegro para não se corromper, e precisa ser contextual para não ser ingênuo. Precisa carregar convicção sem rigidez, e exercer adaptação sem relativismo. Precisa compreender pessoas e sistemas, missão e cultura, princípios e ambiguidades.

Assim, no período do doutorado, eu aprofundi essa competência ao aprender a transitar com mais lucidez entre mundos: o mundo das ideias e o mundo das pessoas; o mundo da estrutura e o mundo da cultura; o mundo da missão e o mundo das tensões que cercam a missão. Esse percurso consolidou em mim uma consciência mais realista e, ao mesmo tempo, mais esperançosa diante da pós-modernidade: a liderança do nosso tempo não é a que controla melhor, mas a que discerne melhor; não é a que fala mais alto, mas a que

escuta mais profundamente; não é a que se impõe por posição, mas a que se sustenta por autoridade moral, fidelidade e serviço.

Ao final, reafirmo: ampliar cosmovisão não significa abandonar convicções; significa aprofundá-las com discernimento. E desenvolver consciência pós-moderna não é absorver relativismo; é entender o tempo em que vivemos para servir melhor, comunicar com mais sabedoria e liderar com mais humanidade e fidelidade ao chamado.

Referências

- Bartholomew, C. G., & Goheen, M. W. (2014). *The drama of Scripture: Finding our place in the biblical story* (2nd ed.). Grand Rapids, MI: Baker Academic.
- Bauman, Z. (2013). *Modernidade líquida* (Trad. P. Dentzien). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)
- Lyotard, J.-F. (2010). *A condição pós-moderna: Um relatório sobre o saber* (Trad. R. Corrêa Barbosa). Rio de Janeiro, RJ: José Olympio. (Trabalho original publicado em 1979)
- McGrath, A. E. (2017). *The intellectual world of C. S. Lewis*. Oxford, England: Wiley-Blackwell.
- Newbigin, L. (2013). *The gospel in a pluralist society*. Grand Rapids, MI: Eerdmans. (Trabalho original publicado em 1989)
- Palmer, P. J. (2017). *The heart of higher education: A call to renewal*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Sire, J. W. (2015). *Naming the elephant: Worldview as a concept* (2nd ed.). Downers Grove, IL: IVP Academic.
- Taylor, C. (2007). *A secular age*. Cambridge, MA: Harvard University Press.

Artefatos

Experiências Passadas	Experiências Planejadas	Documentos / Artefatos
1. Bacharel em Teologia	1. Preparação e apresentação de palestras e sermões em concílios, treinamentos, cultos, etc.	1. Diploma de Teologia (UNASP/INTA)
2. Pós-graduação em Liderança (MBA)	2. Leitura do Livro: Liderança Autêntica (Bill George)	2. Certificado de Pós-graduação em Liderança
3. Pós-graduação em Ciência e Religião (MBA)	3. Leitura do Livro: Compreendendo as Organizações... Finalmente! (Henry Mintzberg)	3. Certificado de Pós-graduação em Ciência e Religião
4. Mestrado em Liderança		4. Certificado de Mestrado em Liderança
5. Curso: Os 7 Hábitos de Pessoas Altamente Eficazes		5. Certificado do curso: Os 7 Hábitos de Pessoas Altamente Eficazes
6. Curso: Conversas Cruciais		6. Certificado do curso: Conversas Cruciais
7. Curso: Coaching Profissional		7.1. Certificados do curso de Coaching: Professional Coaching Alliance, PCA 7.2. Certificado de membro da International Association of Coaching, IAC 7.3. Certificado de membro da Sociedade Latino-Americana de Coaching 7.4. Certificado de membro da Sociedade Europeia de Coaching
8. Curso: Avaliação de Perfil Comportamental		8. Certificado de Avaliação de Perfil Comportamental: Professional DiSC Certification
9. Curso: Fundamentos da Liderança		9. Certificado do Curso: Fundamentos da Liderança
10. Fórum Pedagógico		10. Certificado do Fórum Pedagógico
11. I Congresso Sul-Americano de Liderança Adventista		11. Certificado do I Congresso Sul-Americano de Liderança Adventista

12. Conselho de Educação da USB		12.1. Certificado – 41º Conselho de Educação da USB 12.2. Certificado – 42º Conselho de Educação da USB 12.3. Certificado – 43º Conselho de Educação da USB 12.4. Certificado – 44º Conselho de Educação da USB
13. Fórum Mineiro de Liberdade Religiosa		13. Certificado do II Fórum Mineiro de Liberdade Religiosa
14. Simpósio Bíblico		14. Certificado do Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano
		15. Artigo Longo, apresentado no I Congresso Sul-Americano de Liderança Adventista.
		16. Palestras e Sermões
		17. Livro: Liderança Autêntica (Bill George)
		18. Livro: Compreendendo as Organizações... Finalmente! (Henry Mintzberg)

Documentos / Artefatos

1. Diploma de Teologia

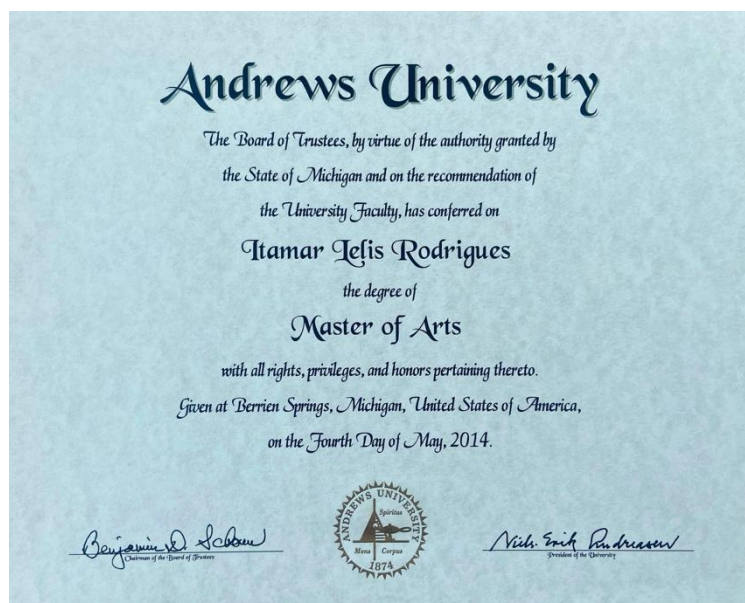




2. Certificado de Pós-graduação em Liderança



4. Certificado de Mestrado em Liderança



5. Certificado do curso: Os 7 Hábitos de Pessoas Altamente Eficazes



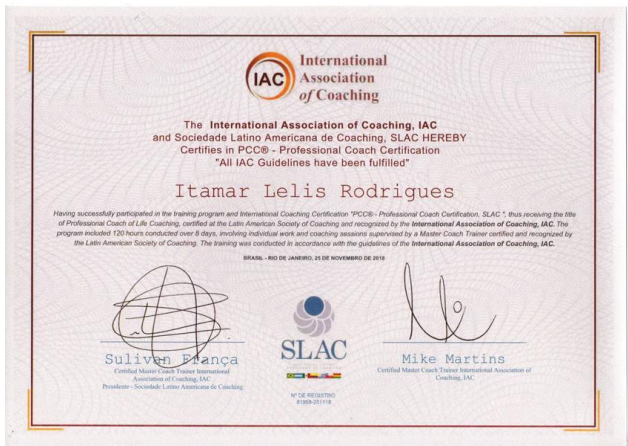
6. Certificado do curso: Conversas Cruciais



7.1. Certificados do curso de Coaching: Professional Coaching Alliance, PCA



7.2. Certificado de membro da International Association of Coaching, IAC



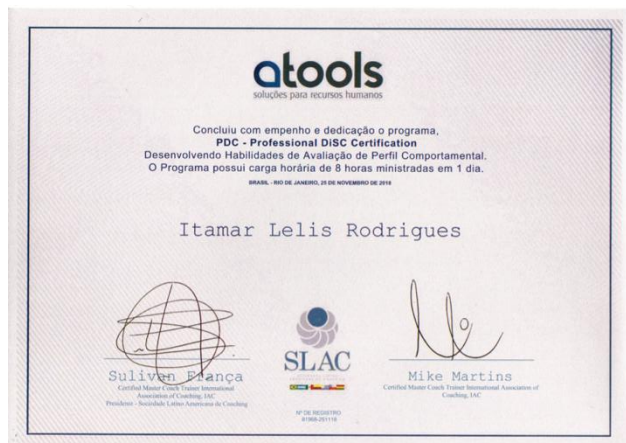
7.3. Certificado de membro da Sociedade Latino-Americana de Coaching



7.4. Certificado de membro da Sociedade Europeia de Coaching



8. Certificado de Avaliação de Perfil Comportamental: Professional DiSC Certification



9. Certificado do Curso: Fundamentos da Liderança



10. Certificado do Fórum Pedagógico



11. Certificado do I Congresso Sul-Americano de Liderança Adventista



12.1. Certificado – 41º Conselho de Educação da USB



12.2. Certificado – 42º Conselho de Educação da USB



12.3. Certificado – 43º Conselho de Educação da USB



12.4. Certificado – 44º Conselho de Educação da USB



13. Certificado do II Fórum Mineiro de Liberdade Religiosa



14. Certificado do Simpósio Bíblico-Teológico Sul-Americano



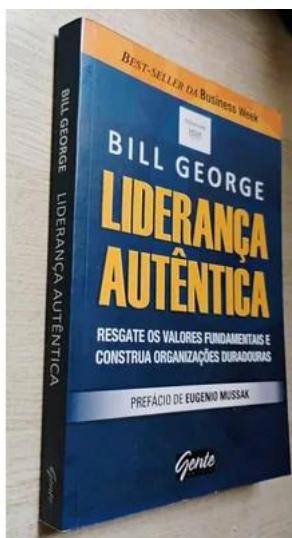
15. Artigo Longo, apresentado no I Congresso Sul-Americano de Liderança Adventista.



16. Palestras e Sermões



17. Livro: Liderança Autêntica (Bill George)



18. Livro: Compreendendo as Organizações... Finalmente! (Henry Mintzberg)

